

1 ESCUDO

Reporte

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

6 de Junho de 1931

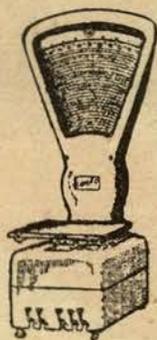
NUMERO 44



BALANÇAS
AUTOMATICAS
ROMÃO

PERFEITAS, RIGOROSAS,
HIGIÉNICAS, ECONÓMICAS,
ELEGANTES, RÁPIDAS

Em competência com as melhores marcas estrangeiras



Reparações em todos os modelos

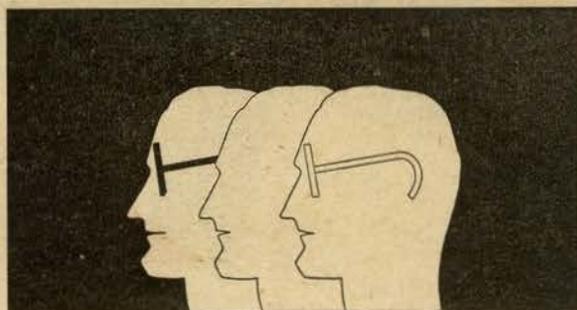
ROMÃO & COMP.^A

FABRICANTES DE BALANÇAS

CASA FUNDADA EM 1778

CRUZES DA SÉ, 13-29

LISBOA



**BERTRAND
IRMÃOS, L.^{DA}
GRAVADORES
IMPRESSORES
T. CONDESSA DORIO-27**

LISBOA — TELEFONE 2 1368

CAMBISTA A FAVORITA, L.^{DA}
TESTA

TEM Á VENDA A GRANDE
LOTARIA DE SANTO ANTONIO.
BILHETES E FRACÇÕES
AO PREÇO DA SANTA CASA
DA MISERICORDIA

74, RUA DO ARSENAL, 78

**FABRICA A VAPOR DE
SABONETES E PERFUMES**

*Sabonetes, Loções, Agua de Colonia,
Pó de arroz, Elixir, Cremes, Saes, Pin-
turas para cabelos, Petroleos, Brilhan-
tinas, Pastas dentifricas, Esmalte
para as unhas, «Rouge», Extractos, etc.
SECÇÃO ESPECIAL: P. C. T. E.*

DEPÓSITO GERAL FÁBRICA
RUA ARCO BANDEIRA, 180, 1.º (FRENTE) RUA FRANCISCO METRASS, C. M. L.
LISBOA LISBOA

LOTARIA DE SANTO ANTONIO

3.000.000\$00

Na Tesouraria da Misericordia de Lisboa estão à venda

bilhetes a 80\$00, décimos a 8\$00, vigésimos a 4\$00 e quadragésimos a 2\$00

Extracção a 13 de Junho

Homens & Factos do dia

JOIAS, mulheres e versos são artigos cuja falsificação ultrapassa a produção autêntica. A fábrica Kepf, das célebres pérolas falsas, cujas montras, nos «boulevards» parisienses, em Piccadilly, em Unter-den-Linden, em Niskay de Moscovo, nos centros de todas as grandes capitais, são verdadeiras feéries, apoteoses de fulgurações cegantes, gira em redor de um capital de milhões de libras, emprega multidões de operários, burrafa de colares os colos das mais lindas mulheres da pequena burguesia e da galleria mediana. A fábrica Kepf é a menos importante — entre centenas — da mesma burla de beleza. E em contraste com a importância global dessas fábricas, o comércio das pérolas autênticas parece um negócio de pobre. Os joalheiros, os verdadeiros, coitados, comparados aos falsos, são como o verdadeiro violino dum saltimbanco, que vale uns escudos, a par duma grafonola «Extra», das que os milionários da América têm na sala de banho — que vale uma fortuna... E as mulheres são como as joias. As que falsificam linhas do corpo e cor das faces, sorrisos, virtudes e pensamentos — esmagam, actualmente, na Bolsa da Vida, as outras, as que não se pintam, não frequentam laboratórios de beleza e que só amam um grande amor... E os versos são como as mulheres e como as joias. Um bom empenho para um grande jornal que faça pirotécnica de romaria minhota nos reclamos da primeira página; um pequeno capital para uma edição berrante; dedos ágeis para o ilusionismo das pièguices e tempêros açucarados, eis o poeta ou a poetisa da moda — o sr. ou a senhora Fulana. Mas, ali... Mais forte do que a burla da beleza numa pérola falsa; do que a burla da sedução duma «cocotte» maquiada; do que a burla da arte num soneto à medida do mau gosto transitório — mais forte do que a mentira, é a verdade, é a pérola que sacrifica uma dinastia de mergulhadores para ser pescada do lódo; é a mulherzinha, santa e boa e bela sem artificios, que ama devotamente com o coração que sente e os lábios que beija e os olhos que choram; é o poeta que sacrifica a alma, como os mergulhadores de pérolas a vista, e ignorando a arte de falsificar comoções fazem dos seus versos o harem dos seus amores...

Bem sei que a vitória dos outros tenta muitos — e desmoraliza... Embora! Existem ainda poetas como António Botto, valor positivo e máximo entre os poetas da sua geração, dos poucos que podem contar com o eco eterno da voz, e cujo livro «Canções» — relicário de belezas — está em vésperas de esgotar mais uma edição... Venderam-se já 15.000 exemplares — 15.000 exemplares dum livro de versos; e de versos verdadeiros; e nos nossos dias; e em Portugal... Bela lição de moral a que se deviam sujeitar todos os que se embriagam com os êxitos falsos dos falsificadores de pérolas da Arte, com os Institutos de «beauté» da poesia...

**Este número foi
visado
pela Comissão
de Censura**

TODOS os países possuem os seus grandes cabotinos — cultivadores do elogio gratuito, modeladores pedantes de atitudes espalhafatasas.

O maior cabotino destes últimos tempos é um italiano. Desde a mais remota antiguidade que na península itálica surgem grandes pedantes, grandes cabotinos a afixar a todas as esquinas do mundo a sua celebridade. Um deles incendiou Roma para que o seu nome fosse evocado com espanto através dos tempos.

Um outro, nosso contemporâneo, conquistou Fiume e nomeou-se príncipe. A ânsia da publicidade do nome leva os cabotinos à prática de grandiosos disparates. Em Portugal também existem alguns apurados exemplares do cabotimismo. Mas como lhes falta o talento que desculpa até certo ponto a pedanteria antipática, caem no ridículo. Celebrizam-se pelo ridículo, atascam-se em ridículo, besuntam-se de ridículo para se erguerem acima do vulgo. E quando julgam ter atingido as culminâncias da glória, afogam-se num oceano de troça, do qual nem Santo António — «o santo de todo o mundo» — consegue salvá-los. Razão tinha Jesus quando nos pedia toda a nossa piedade para os pobres de espírito.

MANUEL de Matos, o autor do artigo intitulado *O Fabricante de óleo humano*, que tanta sensação produziu nos leitores do *Reporter X*, referia-se a um amigo e antigo jornalista que sobre o misterioso vampiro lhe fizera confidências, ocultando o nome desse amigo sob as iniciais B. R.. Ora, na imprensa portuguesa o único jornalista a quem essas iniciais correspondem é o nosso talentoso colega Belo Redondo, que a propósito nos escreve uma interessante carta, levantando uma ponta do véu que encobre a tenebrosa personalidade do degenerado «fabricante de óleo humano».

Eis a sua carta.

Meu caro Reinaldo Ferreira:

O teu jornal publicou, no último número, um artigo intitulado «O fabricante de óleo humano», assinado por Manuel de Matos — pessoa que tu apresentas como sendo um principiante no jornalismo. Embora com as naturais indecisões de quem começa, esse artigo é deveras interessante.

O teu novel colaborador revela nele que conheceu o vampiro do Café Nacional por intermédio de «B. R., velho amigo e jornalista conhecido». Este B. R. devo ser eu, porque não conheço na imprensa outra pessoa com as minhas iniciais. Mas, sinceramente te confesso que não me lembro de Manuel Matos; desde que ele, porém, me trata por «velho amigo», é evidente que sou vítima, uma vez mais, não ligando esse nome a qualquer das pessoas das minhas relações, desta terrível amnésia a que somos acretos os que conhecemos muita gente.

Do que eu me recordo, todavia, é do horrível episódio que ele relata. O vampiro que, em 1929, atravessou Lisboa, para transformar dezenas de lindas crianças em óleo viscoso e repugnante, para fins indus-

triais, e em obediência a uma tara cruel, morreu em Berlim, em Setembro do ano passado. Chamava-se Herbert Kurten e era irmão — vê lá, que singular coincidência! — de Peter Kurten, o famoso vampiro de Dusseldorf!

Conheço toda a sua história, a sua negra história de tragédias e de crimes, e, havendo-o reconhecido em Berlim, quando ali estive o ano passado, concorri, embora involuntariamente, para que o matassem a tiro — como a um lóbo.

Essa grande aventura da minha vida profissional está por descrever. Prometo-te, para o teu Reporter X, quando me sobrar um pouco de tempo. Por agora, o que de-sejo dizer-te e ao teu colaborador Manuel de Matos é que o miserável morreu e era irmão de Peter Kurten. Esta notícia, se não te inspirar um artigo, há-de, pelo menos, dado que te recordes dos antecedentes do homem trágico de Dusseldorf, convencer-te de que o fatalismo da hereditariedade é um estigma que não perdoa.

Teu dedicado,

BELO REDONDO

reporter.

**semânario de maior
tiragem e expansão
em Portugal**

Grande reportagem e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sabados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

Proprietário, Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
ROSSIO, 3, 3.º-TELEPHONE: 2 5442-LISBOA
End. Telegr.: **REPORTERX-LISBOA**

Delegação no Porto
R. DA FÁBRICA, 11, 2.º-TELEPHONE: 4353

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
Bertrand (Irmãos), Ltd., Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA

TABELA DE PREÇOS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50
6 " " " 25 " — Esc. 22\$50
12 " " " 52 " — Esc. 44\$50

Para as colónias e estrangeiro acrescem os respectivos portes

Pagamento adiantado

TELEFONISTAS

DA

MORTE

A história do crime marcou mais uma *étape* da sua existência, mais uma modalidade nos seus fantásticos recursos. Foi a América, mais uma vez, que fustigou a face enrugada da velha Europa com a notícia da ciência ao serviço do crime.

Uma poderosa organização, denominada «Telefonistas da Morte», envolvendo os seus inúmeros crimes em tenebroso mistério, conseguiu, durante dois anos consecutivos, lançar o terror na alta sociedade *novayorquina*. A mais bem montada policia do mundo esbarrou durante esse tempo com a prodigiosa inteligência dos científicos criminosos.

Dez mil dólares ou a morte...

Dois anos passaram já sobre a primeira manifestação dos ocultos bandidos... O multi-milionário Harry Schmidt recebeu uma carta anónima intimando-o a entregar a quantia de 10.000 dólares no prazo de três dias ou, caso contrário, o signatário da carta — Williams — faria sentir sangrenta vingança sobre a filha mais nova do milionário, a pequena Mary.

Harry Schmidt, porém, homem habituado a este género de ameaças, limitou-se a enviar a carta para a Policia e a dormir tranqüilamente na sua elegante casa da 5.^a Avenida.

Passaram as 72 horas da ameaça e já o milionário tinha esquecido o conteúdo da carta, quando o avisaram, no seu escritório, de que sua filha Mary fôra encontrada morta, na sala de espera, junto ao telefone. A policia acorreu pressurosa mas só pôde constatar que Mary Schmidt morrera fulminada por uma corrente eléctrica de alta tensão, quando falava ao telefone. O seu corpo, negrecido e encarquilhado, jazia no solo, de olhos desmedidamente abertos, a boca contorcida num último arranco de dôr e as mãos enclavinadas.

Debalde os mais hábeis agentes da policia *novayorquina* tentaram desvendar o terrível mistério daquela morte. A autoridade, desorientada, pôs em campo brigadas especiais, utilizando-se dos seus extraordinários meios de acção, percorrendo o *bas-fond* do mal e vigiando de perto os mais astutos criminosos modernos.

Precisamente por essa altura chegou a Nova York o afamado detective Charles Burns — rapaz novo, sóbrio e enérgico, que havia adquirido justo renome na dura luta com os criminosos da pior espécie. Burns fôra transferido de Chicago — dizia-se — por imposição dos magnates da cidade do crime, onde era justamente temido. Foi pois este detective, após a sua chegada a Nova York,

o encarregado de descobrir os misteriosos crimes que se vinham efectuando na imensa capital dos «arranha-céus».

Os criminosos, todavia, certamente para desorientar Burns, que, já em campo, pretendia, em primeiro lugar, estabelecer o processo usado pelos criminosos — determinaram um pequeno interregno nas suas audaciosas façanhas. Até que, decorridas semanas, Harry Schmidt foi novamente ameaçado, para a entrega dos 10.000 dólares, sendo desta vez visada a sua própria esposa. Simultaneamente Burns era convidado, por carta, a não se intrometer no caso dos telefones, sob pena de morte. É claro que nem um nem outro fizeram caso dos avisos, morrendo a esposa do milionário, volvido o prazo estipulado, da mesma forma enigmática.

Charles Burns, chamado rapidamente antes que qualquer pessoa mechesse no cadáver, sem perder tempo, procedeu a imediatas investigações. Assim, pelo exame minucioso que realizou no cadáver, descobriu uma minúscula ferida numa das orelhas do corpo carbonizado — a qual tinha precisamente as mesmas dimensões duma pequenina ranhura feita na ebonite que revestia o auscultador do telefone. Depois, de investigação em investigação e usando das maiores cautelas, verificou que o aparelho não funcionava, observando que os fios telefónicos estavam desligados na portinhola que dava ligação directa com a rede geral. Pôde, assim, reconstituir, por cálculos, que a extremidade do fio, depois de desligado da portinhola, era aplicado a uma corrente de alta tensão, porventura volante, que causa a morte fulminantemente...

A descoberta da quadrilha

Assim decorreram dois anos, succedendo-se os cri-

mes nestas circunstâncias, duma maneira fantástica. E Burns desanimava já quando, recentemente, o acaso o colocou numa pista segura.

Um dos milionários alvejados avisou-o telefonicamente de que tinha recebido um *ultimatum* dos «Telefonistas da Morte». O detective pôs-se imediatamente em campo, vigiando o sumptuoso palácio do milionário. E no final do terceiro dia, o telefone retinha furiosamente chamando o milionário. Foi Burns, convenientemente imunizado contra a alta corrente eléctrica, quem atendeu à chamada, desempenhando o papel de «vítima» — dando a impressão aos bandidos de que a proeza havia dado bons resultados. No entanto, cá fóra, numerosos agentes auxiliares de Burns vigiavam um camião blindado, fortemente suspeito, que parára à porta do palácio. Passados minutos, quando o camião se pôs em marcha foi seguido, de perto, por um automóvel da policia, conduzindo numerosos agentes, superiormente dirigidos por Burns. Daí por pouco tempo o misterioso camião parava em frente duma casa de Wall Street — quartel general dos audaciosos criminosos. A batalha foi imediatamente travada, conseguindo a policia prender toda a numerosa quadrilha, registada nos jornais pelo nome de «Telefonistas da Morte» — não sem que tivessem perdido a vida alguns agentes policiaes e bandidos.

Os temíveis bandidos davam morte às suas vítimas servindo-se, para o efeito, do tal camião blindado, que era uma completa estação de transformadores de alta tensão de corrente eléctrica...

É português o chefe dos «Telefonistas da Morte»?

Pelo final das investigações veio a apurar-se que o chefe da quadrilha «Os

(Continua na página 13)



E X.^{mo} Sr. Director do «Reporter X»:

Quantas vezes, durante este meu longo e feissimo silêncio de quasi duas semanas, não se terá arrependido da missão que confiou a este seu dedicado e venturoso leitor, pensando que eu ao dar a «Volta ao Mundo» perdi a cabeça, como quem dá o primeiro abraço de posse... na cintura airosa de uma mulher — visto que a cintura é a linha equatorial de todos os corpos belos que se cobriam. E há quantos anos cobriava eu abraçar este sonho das viagens através todos os países...

Mas urge que me explique, para que seja perdoado. Nem tudo são rosas neste jardim de ilusões a que asas de aventura vagabundante nos leva... Contei-lhe o que foi a véspera do meu último dia de Paris. Para cumprir metódicamente o programa traçado — como a rigidez dos métodos e dos programas pesam nos corações em alvorço, como o meu! —, devo narrar agora o que foi a última novela — dêsse meu último dia da capital chamada das luzes, da devassidão e do amor e que não passa, afinal, de uma ingénua e linda Mimi, uma Mimi eterna e muito grande, uma Mimi vista por um óculo astronómico. E é bem triste essa novela...

Comprado o bilhete para Londres, na Cook, dirigi-me ao hotel, apressadamente, para concluir o arranjo das malas, posto que tinha apenas hora e meia para partir... Frente ao Metro da Ópera, o meu olhar — (é impossível que não me tenha tornado estrábico, à força de querer ver todas as lindas mulheres que passam pelos «boulevards»...) —, o meu olhar, dizia eu, roçou por uma boneca que esperava, à beira do passeio, as tréguas da circulação para atravessar... Boneca é um termo acaixeiado, Pires, desacreditado — mas não encontro outro sinónimo para quem era... Boneca, sim, mas boneca moderna, boneca para oferecer a uma princesa que se ame, boneca para repousar em almofadas de seda, bordadas a ouro, como uma joia num estylo. Que azul o dos seus olhos, que ternura a da sua expressão, que arminho o seu corpo de adolescente, coado através um simples traje de *midinette* de bom gosto. Esqueci malas, hotel, Londres — e seguia-a; e pelo caminho dilatei ao máximo a estratégia de conquista de *grisettes* que eu aprendera — e com êxitos práticos — em Paris. Mas, ai! Nem me olhava! Nem me escutava! Cada vez era mais boneca — boneca mecanizada —, tão insensível, tão sem alma se mostrava aos meus galanteios... Entrou numa farmácia; esperei-a cá fóra. E esperando-a pensei que dispunha apenas do dinheiro indispensável para os imprevistos do caminho: fretes gorjetas, lanche — visto que só em Londres receberia a minha mensalidade...: oitenta francos...

Ela pouco se demorou. Ao sair, viu-me — viu-me pela primeira vez. Que comoção

A VOLTA AO MUNDO POR UM LEITOR DO REPORTER X

a minha! Ela fixava-me, com interesse, com ternura... Abordei-a gaguejando, como um colegial. A minha timidez era sinceridade. A dela, também. Dez minutos de palestra — éramos velhos amantes platónicos. — «Sabe porque o olhei tanto?» — perguntou-me. — «Porque tive a impressão que já o conhecia. Eu sonho muito — e nos meus sonhos aparece-me às vezes um rapaz como o senhor», Contei-lhe a minha vida, as mi-

— «Triste estava eu antes de sofrer a tristeza de me separar de si...» — respondeu-me. — «Vivo sózinha com uma irmazinha, de quem sou... quasi mãe. Somos orfãs. Ela adoeceu há dois dias. O médico esteve lá esta manhã... Disse que a podia salvar com o remédio que lhe receitou... mas...». Trilam apitos. O «rápido» de Calais vai partir. Subo para o comboio. Um beijo, que ela recebe de faces ruborizadas... Os olhos enchem-se-lhe de lágrimas... — «Deixe-me partir... A minha pobre irmã está sózinha... E para dar-lhe a prova de que o amo, deixe o comboio começar a rodar que lhe direi um doloroso segredo...». O comboio fungou um guincho aflitivo, começou a ritmar a respiração dos seus pulmões de aço... — «Adeus...» — murmurou... — «Diga-me o seu segredo...» — peço-lhe... — «Pois bem... A minha tristeza é porque não possuo o dinheiro suficiente para comprar o remédio que o médico disse ser a salvação da minha querida doente. E se esperei este momento para lho dizer, foi para que se torne impossível... qualquer tentativa de gentileza da sua parte...» Impossível era — a não ser que eu lançasse os meus oitenta francos ao vento... Ela pronunciara as últimas palavras correndo ao lado do comboio, que acelerava a marcha... Um último adeus... Uma última visão do seu rosto de boneca... Depois — senti-me empalidecer, estrangulado por uma dolorosa emoção... Eu nunca mais veria nem saberia daquela linda boneca...

Cheguei a Londres.

No dia seguinte, acordei, espertei Piccadilly Circus — a grande arena civilizada da grande capital, através a janela do meu quarto, e vendo a noite pintar o cenário de negro — uma negrura salpicada de focos luminosos — voltei-me para o outro lado e adormeci. Tornei a acordar, tornei a espertar, tornei a adormecer três vezes. À quarta espertei, mas não consegui adormecer. Seria insónia? Consulte o relógio e inquietei-me. O quê? Duas horas, apenas? Duas horas da madrugada, certamente... E eu que tinha a impressão de haver dormido muitas horas. Fumei um cigarro, e, evocando os episódios da noite, recordei que... viera deitar-me às três horas! Pulei para o tapete, meio louco! Teria dormido... 25 horas? Vesti-me e saí. Na rua comprei um jornal. Estava... no dia seguinte... à véspera. Só então compreendi o segredo daquele fenómeno: é que estava vivendo um dia londrino, daqueles dias que amanhecem já noite, com todas as luzes acésas, e que às vezes duram semanas!

Há aventuras a descrever. Escreverei. Vosso leitor, grato e amigo,

Z.



O Parlamento inglês.

nhas viagens futuras... Um relógio despertou-me. Alucinado, quis ficar, quis nunca mais sair de Paris... Foi ela, com a voz trémula e lágrimas nos olhos, que me obrigou a partir. — «Não nego que sinto também por si... uma profunda simpatia — confessou-me. — Não sou como as outras pequenas da minha idade. Nunca aceitei a côrte de nenhum homem — porque nunca senti o coração bater como bate hoje... Vá! Parta para Londres. Se não mente e se o que eu sinto não é mentira, encontrar-nos-emos à volta. Eu sei esperá-lo!». Que felicidade a minha — a dêsse minutos! De braço dado nos encaminhámos para a *Gare du Nord*. Um dedalo de linhas — como se tivessem entornado uma caixa de costura... Viajantes para Londres, para Berlim, para Copenhague, para Varsóvia, Babel descastelada... — «Está triste?» — indaguei eu.

Há antropófagos em Portugal?



H AVERÁ antropófagos em Portugal? Foi há bastantes anos que esta pergunta *grandguignolesca* me perpassou pelo espírito como um relâmpago fulminante. Encontrava-me então na aldeia mais remota, mais ignorada, mais primitiva de Portugal, onde nos levaram — a mim e ao Vilhena, um velho amigo de Castelo Branco — os azares de uma reportagem sensacional, que se enganchava, como elo de cadeia noutro elo, na reportagem de um congresso que se realizava na tranqüilla cidade beirã.

Era no começo do inverno — que para aquelas bandas principia mais cedo e mais agreste —, e como na pressa da partida precipitada, nessa manhã soturna, não me fôra fácil obter um automóvel e ainda porque as modernas carreiras de camionetas eram então desconhecidas em Portugal, frettei uma antiga diligência só para mim e para o meu companheiro, e fiz-me à estrada.

A viagem não é agradável, senão para quem gosta, neste século de meteóricas velocidades e confortos requintados, de viver uma dessas antigas aventuras de jornadas perigosas, por caminhos ermos e em regiões hostis. Levámos, à cautela, um bom farnel, que devorámos numa povoação modesta e triste, sem animação, sem outro ruído que não fosse o grunhir dos porcos na corte e o balar dos rebanhos nos campos.

Dai para diante, a viagem foi entenebrecendo. A diligência, ao trote monótono dos cavalos, transformara-se em bérço de balacear propício às grandes séstas. A paisagem, de planície nua, árida, agressiva, ondeando levemente ao fundo do horizonte cinzento, não prendia, e por entre esta aridez, a estrada branca alongava-se em rectas infinitas, ladeadas de altos eucaliptos. E para nos desolar mais ainda, atravessávamos de quando em quando a mente a ideia de que o termo da nossa viagem seria perto da raia de Espanha, lá onde o Tejo faz a sua entrada mürmura e discreta no nosso país.

Para me animar, o Vilhena contava-me histórias de salteadores, de que a região é fértil.

Evoca-se «Cirineu», o salteador

— Talvez tu julgues — dizia-me elle, acomodando-se no banco duro da diligência, espécie de *char-à-band* oscilante que ameaçava sossobrar nas covas mais profundas da estrada — que esta região, por ser assim quasi plana, não possui recantos para pôr salteadores e contrabandistas a bom recato... Houve tempo em que pululavam, e hoje mesmo não são raros.

Calou-se um momento, relanceando pela vastidão dos campos seus olhos cinzentos, como que a procurar algum grupo de salteadores. E, talvez tranqüilizado pela solidão que se desprendia da paisagem, pôs-se a contar aventuras do «Cirineu», o salteador célebre, que ao tempo pagava na Penitenciária de Coimbra os seus actos audaciosos.

— Uma vez, o «Cirineu» assaltou uma

sapataria. Julgas que levou consigo algum par de sapatos? Enganas-te. Estes salteadores da Beira-Baixa possuem tanto de crueis como de generosos. Com a mesma facilidade com que matam, roubam e incendiam, acarinham, protegem e defendem. O «Cirineu» chamou o povo e mandou os seus homens distribuir calçado por todos os necessitados.

O cocheiro, que durante mais de três horas de viagem seguira todo absorvido no manejo das rédeas, fez estalar o chicote e, voltando um tudo nada o busto atarracado e forte, não pôde resistir a meter-se na conversa. Sem perder de olho a estrada e as béstas, interveio com entusiasmo:

— Era um tipo às direitas, esse «Cirineu»! Até faz pena um homem daqueles dar em ladrão. O sr. Vilhena, conte-lhe aquela do gaiato, do filho do feirante...

Vilhena deixou-se empolgar pelo entusiasmo do cocheiro.

— Essa é de primeira ordem! Nunca a ouviste contar? É muito boa. Era no tempo em que o «Cirineu» era falado e temido por toda a Beira. Não se ouvia senão dizer que o «Cirineu» assaltara a propriedade tal, saqueando-a e deitando-lhe fogo, que apparecia numa azinhana um homem morto e roubado pelo «Cirineu»... Uma série de crimes, em que se encontrava sempre a dedada do «Cirineu». Ora, uma tarde de feira, em certa vila, numa taberna qualquer, regorgitando de feirantes, «Cirineu», com o seu ar negociante de gado, desceu da montada, que prendeu à porta, e abançou para comer. Ninguém o conheceu. A taberna estava animada de freguesia...

A diligência estacara de repente. Com o ânimo um pouco alarmado por aquelas histórias, senti que o coração me pulsava com desusada violência.

— Que há? — perguntou Vilhena ao cocheiro, interrompendo a história.

— É que estamos no Ladoeiro — respondeu o cocheiro. — Talvez queira descansar um bocado, enquanto eu trato das béstas...

Efectivamente, espreitando para fora, vi umas casas de paupérrimo aspecto. Era uma povoação.

Vilhena saltou à estrada. Imitei-o, agitando as pernas entorpecidas.

— Vamos ali à do Perez — disse o meu companheiro —, talvez elle lá tenha alguma coisa que se coma.

Há antropófagos em Portugal?

A do Perez, como disse o Vilhena, era uma tabernária deserta, pobre, sombria, onde um homem de meia idade, olho esperto, boina enterrada numa cabecita ruça, nos acolheu sorridente, mesclando o português com o espanhol. O Vilhena conhecia-o. Preguntaram-se mutuamente pelas famílias, pelos negócios e por novidades recentes.

— Se nós tivéssemos tempo — disse-lhe o meu companheiro de viagem — comíamos cá uma lebre à caçadora.

O Perez não tinha, na occasião, nenhuma lebre. Mas que disséssemos quando passávamos para baixo, que no-la teria prepa-

Uma viagem à antiga portuguesa — Histórias de salteadores — Um barbeiro arguto — Na aldeia mais remota e primitiva — Crimes horrosos — Quem é o criminoso? — Um velho simpático — A primeira suspeita — Quem é o antropólogo.

rada à maravilha. O espanhol era especialista no pitêu.

Entrou a seguir o cocheiro, na esperança de algo que se comesse e bebesse. Pouco depois, de pé, ao balcão, porque fartos de assento estávamos nós, devorávamos com appetite umas «sandwichs» de queijo, regadas de um vinho palhete capaz de reanimar pedras. E o Vilhena, que estava longe de ser de pedra, reanimou e terminou a história interrompida:

— Ora, já o «Cirineu» se preparava para sair, quando escutou estas palavras de um feirante para um pequenote, que devia ser filho: «Rapaz, toma este dinheiro (e dava-lhe um volumoso maço de notas) e leva-o à tua mãe. Vai depressa, dianho, não te saia o «Cirineu» ao caminho!». O rapaz saiu correndo, e, discretamente, o «Cirineu» foi-lhe na peúgada. A meio duma azinhana agarrou-o. — «Dá cá o dinheiro que aí levaste» — disse-lhe, no seu vozeirão. O pequeno, quasi morto de medo, deu-lho. O «Cirineu» contou nota por nota, E, restituindo-lhe o dinheiro, disse-lhe: «Toma. Entrega o dinheiro à tua mãe e dize logo ao teu pai que me encontre, que tive o dinheiro na minha mão e não o levei porque o «Cirineu» não rouba crianças».

— Por esse não vinha grande mal ao mundo — comentou uma personagem, que se aproximara sem que nós nos apercebéssemos.

O Perez apresentou-no-lo. Era o sr. Afonso, barbeiro, pessoa arguta, que lia jornais e sabia discernir sobre a vida. Quando soube o meu nome, fez-me uma manifestação de alegria.

— Que pena o sr. Mário não poder demorar-se umas horas no Ladoeiro! Tinha grandes assuntos a fornecer-lhe para reportagens de sensação.

Mas nós já nos demorávamos demais. A volta estaria mais tempo. No dia seguinte ou no outro, reservar-lhe-ia uma larga hora para o ouvir.

A despedida, o Afonso chamou-me um pouco de parte, para me dizer quasi ao ouvido:

— O senhor acredita que existam antropófagos em Portugal?

E como eu o olhasse surpreso e êle julgasse que não o compreendia, teimou:

— Sim, não acredita que há pessoas que devorem carne humana?

Encolhi os ombros. O Vilhena e o cocheiro já estavam nos seus postos, e reclamavam a minha partida.

— Olhe que se faz tarde, sr. Mário — dizia, aflito, o cocheiro —, e ainda temos que atravessar o Aravil a vau. E eu não sei que água êle leva... Choveu ontem bastante...

Despedi-me precipitadamente do barbeiro. E, cinco minutos depois, já tinha esquecido o incidente. Antropófagos em Portugal? Que loucura!

No fim do mundo

Ao entardecer, a diligência deixou a estrada e meteu por um caminho através da planície, que apenas se conhecia que era caminho pelos sulcos que outros veículos ali haviam deixado. Uma grande melancolia desprendia-se do céu enevoado, e a meia luz começava a tingir as coisas de mistério. Os gritos das aves, umas peraltas que sulcavam o horizonte em vôos planados, lentos, e iam pousar à beira dos charcos equilibradas numa só perna em atitudes meditabundas, emprestavam ao ambiente algo de sinistro. Eu e o Vilhena, amordaçados por uma força invisível e desconhecida, calavamos-nos, olhando desconfiados em torno. Dir-se-ia que esperávamos que, da sombra que começava a descer do crepúsculo, surdisse de súbito uma terrível cavalgada de salteadores, comandada por um bandido célebre, que nos arrancasse do fundo da carripa, surripiasse a escassa bagagem e abalasse com os cavalos, deixando-nos apunhalados naquele deserto, à mercê das aves de rapina.

Era quasi noite quando a diligência começou a descer a margem íngreme do Aravil, um afluente airoso do Tejo, que os cavalos atravessaram quasi a nado, agitando as orelhas, medrosos. Por fim, alcançámos a outra margem e iniciámos a primeira subida perigosa de toda a viagem, no dorso de uma encosta pedregosa.

Na noite não luzia agora senão a lanterna do veículo que nos conduzia. Lá fomos indo aos solavancos, cigarro apertado nervosamente nos lábios, olho na treva, onde a alucinação nos fazia ver sombras movendo-se em gesto de agressão. Começaram cães a ladrar. Uma voz gritou: «Quem vem lá?!» — «Gente de paz!» — respondeu o cocheiro, e elucidou-nos:

— É a Guarda Republicana, que está a tomar conta disto.

Pouco depois, mal alumados por uma lanterna, atravessámos os arruamentos de lama pastosa e escorregadia de uma aldeia, a aldeia mais primitiva que conhecemos, na raia de Espanha — uma aldeia de gente pacífica, que uma rixa de povos pusera em pé de guerra, envolvendo-a em um conflito de mais de três mil pessoas armadas de caçadeiras, foices e enxadas. Era a reportagem desse acontecimento que nós lá vamos fazer. Por isso os poucos aldeões que nos vieram esperar nos receberam desconfiados, trocando entre eles olhares de entendimento e murmurando segredos aos ouvidos uns dos outros.

Era ali que nós íamos passar a noite.

Crimes horrorosos entre gente pacífica

— É a gente mais pacífica do mundo — afirmava-me o cabo João, enquanto o Vilhena, vencido pelo cansaço, dormitava apoiado à mão, fincado o cotovelo sobre a mesa, onde ainda se viam os despojos da ceia.

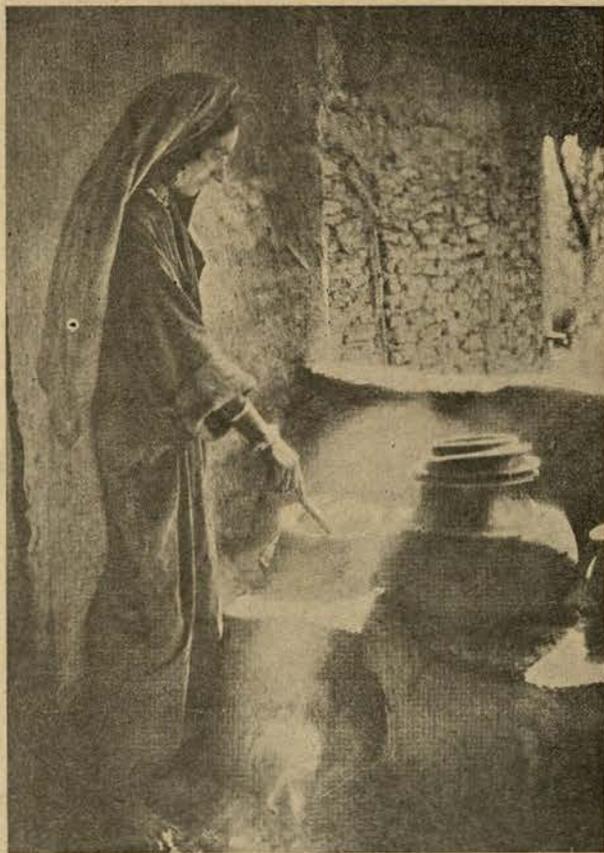
O cabo João, um tipo alto, forte, simpático, cavaqueador, vivia como que desterrado naquele êrmo, com meia dúzia de praças, a fim de evitar as guerrilhas dos povos. Apanhara-me para conversar e desenferrujava a lingua, fumando avidamente os meus cigarros — porque ali nem tabaco havia.

— Como não tenho outro divertimento, entretenho-me a estudar os hábitos desta gente. São honrados, trabalham de sol a sol, desconhecem a corrupção dos grandes centros. As raparigas, e bem lindas que elas são, não levantam os olhos senão para o rapaz que as leva ao altar. Ajudam-se uns aos outros. Não havendo por cá ricações, também se desconhece a extrema miséria. Cultivam a terra em comum, como se quisessem, por instinto, pôr em prática as mais modernas teorias socialistas. Nunca se verifica uma desordem, dispensando a presença de autoridade organizada. Se não fosse preciso defendê-los das arremetidas dos outros povos que os invejam, a nossa vinda aqui seria escusada. No entanto...

Cabo João interrompeu-se por momentos, como se procurasse frases para se exprimir com clareza.

— No entanto, já houve por aqui meia dúzia de crimes horrorosos. Todos êles, pelo que consegui saber desta gente calada, reservada, praticados do mesmo modo e para o mesmo fim desconhecido.

Não sei porque associação de ideias me veio à lembrança a pergunta que me fizera



Uma bruxa da Boémia cozinhando pedaços de uma criança para remédios e bruxedos

nessa tarde o barbeiro, à porta do Perez: «O senhor acredita que existam antropófagos em Portugal?»

— O primeiro crime que se registou aqui foi há vinte anos, segundo contam os antigos cá da aldeia. Quando se evoca esse acontecimento, os olhos desta gente enchem-se de terror. Numa dessas barracas que o senhor amanhã de dia terá ocasião de observar, vivia uma viuva e uma filha de meses. A pobre mulher perdera o marido havia poucas semanas. Ainda era nova e bonita. Uma manhã as vizinhas estranharam que ela não aparecesse. Bateram-lhe à porta. Não se ouvia outro ruído que não fosse o choro desesperado da filha. Entraram-lhe em casa. Ela, a Rosa, não estava. A pequena, abandonada na cama, agitava as pernas, desesperada. Procuraram-na por todos os lados; não aparecia. Ao cabo de alguns dias de ausência, uns afirmavam que ela, num momento de desespero, vendo-se sem o marido, se teria deitado ao Tejo, que passa aí perto, outros admitiam a hipótese de ela ter fugido para Castelo Branco. Os dias rodaram. Alguém se conduziu da criança, orfã. Foi um homem, um bom velhote, um estrangeiro, que quatro anos antes viera aqui dar, adaptando-se de tal forma aos hábitos desta aldeia que ainda hoje por cá vive, encaixado e estimado. O homem tomou afeição à criança e criou-a, retendo-a na sua companhia até há poucos meses, porque ela decidiu ir servir para uma vila próxima. Mas, decorridas duas semanas sobre



Visão de uma cena de antropofagia na Hungria

(Continua na pág. 15)

O leitor que nunca tenha arriscado uma forte dose de emoção e de ilusões num bilhete — ou num vigésimo — de lotaria que me lance a primeira pedrada, daquelas que são o prólogo duma operação de trépano... Ambicionar as riquezas que permitem gozar até à morte uma vida regalada pela mais voluptuosa das mandriças, sem outro esforço do que o de acertar com um número — pode ser um grave pecado social mas é também um pecado mui explicável e humano. Há quem diga que o jogo da lotaria perturba os nervos, perverte, arruína como o *carroussel* da roleta, o ilusionismo das cartas, a magia dos dados; que entoxica, como a morfina, que



amolece os espíritos com utópicos sonhos de grandezas, como o ópio... Mas que generoso bôdo de ilusões, de esperanças — palácios, banquetes, luxos, viagens, amores, prazeres — ou simplesmente *sossêgo* a

lotaria não oferece aos seus crentes, aos seus fanáticos? Quem inventou o jogo da lotaria? Qual foi a primeira nação que o pôs em prática? Ao certo — ignoro; mas sei que já em Veneza, na misteriosa Veneza dos Doges, no século XVI, um judeu — pudera! —, que não se chamava Shylock mas sim Bardarus, empreendeu um negócio mui semelhante aos das nossas lotarias. É Mário Maratti quem o descreve no «Il Apolo» —

contando que teve de fugir ao castigo do povo quando este descobriu o seu lógro — ou seja *batota*... A França já o explorou, durante anos; hoje, só permite particularmente a alguns bancos o que ela chama «lotarias financeiras». De todos os países que a possuem, é Espanha o que a explora com mais largueza, por conta do Estado, que retira um lucro anual de 1.000 milhões de pesetas. Vem a seguir Portugal, que a iniciou no reinado de D. Luís, concedendo à Santa Casa a sua exploração; a Polónia, que é a mais recente; algumas cidades alemãs, por iniciativa particular, e a Turquia. Nesta última foi um português, de nome Adães Rezende, quem, dois anos depois de Portugal, a criou, de sociedade com um banqueiro turco, Almir-Haga, sob decreto de Djanerk Pachá. E o mais curioso é que os turcos chamam aos bilhetes de lotaria os «portuguezinhos». Adães Rezende, que era pobre e vivia à custa do irmão mais velho, nosso cônsul, acompanhára este numa viagem através a antiga Bizâncio — abandonando-o em Constantinopla por causa duma mulher. Depois de ter sofrido meses de asfixiantes dificuldades, teve a ideia de imitar o jogo recém-inaugurado na pátria. Este pequeno episódio da minha colecção dos «portugueses que se perderam de Portugal» foi pinçado

«Adães Rezende, o português das lotarias turcas, segundo a «foto» do livro «Les coulisses balkaniques».

dum curioso livro de René Merville — «Les coulisses balkaniques» —, o qual publico um velho retrato de Adães Rezende, que ainda vivia naquele ano — 1902 —, senhor duma fortuna nababesca e duma enorme

popularidade. E já nessa época aparece o «Rei da Sorte Grande» a fazer das suas...

Episódios à volta da lotaria

A receita bruta da Santa Casa deve orçar, em média, por 1.440.000 escudos semanais. A crise geral não poupa as lotarias, e embora a Misericórdia tenha garantida, pelos seus contratos, a passagem de todo o papel, houve semanas do penúltimo semestre em que os prejuízos dos intermediários alcançaram a quantiosa verba de 400 contos. E é preciso não esquecer que este jogo sustenta, entre pessoal da Santa Casa e vendedores, 3.000 indivíduos...

Que misteriosa lei rege o entrechoque das bolinhas da sorte, dentro das grandes esferas diáfanos do sorteio — escolhendo uma, entre tantas, para que ela, minúscula fada, transforme, num segundo, em milionário um pobretão, entre tantos pobretões que lhe suplicam esse mesmo milagre? Compreende-se bem a hipertensão dos jogadores, o seu nervosismo, as suas esperanças... Se eles são senhores de um número, e esse número existe entre os que hão-de ser premiados — que mais curto e recto caminho podem eles encontrar para conquistar o Paraíso do Ouro — sem risco de vida, sem o sacrifício de longos e pesados trabalhos, sem o esforço mental de uma ideia de génio? Daí os pitorescos raciocínios, dispartados no verso mas lógicos no reverso, quando, por exemplo, exclamam: «Por um triz que não acertei desta vez: *ela* saiu no 2273 e eu tinha o 2173...». Bem sei que essa fronteira negativa de um só algarismo — o 1 em vez do 2 — é tão resistente como a que separa o n.º 1 do n.º 9000. Mas quem poderá desmentir que a diferença de 1 para 2 é insignificantisima, comparada com todas as outras, e que, portanto, o jogador *roçou com a ponta dos dedos* na Riqueza, ficando com a lógica impressão de que basta agora estender um milímetro mais o braço para se apossar da Sorte cobijada?

Os próprios reis não se esquivam a essa magia. Conta-se que D. Luís apostára com certo cortezão que havia de acertar com a *Sorte Grande*. Era tão inverosímil a basófia que o outro arriscou na aposta uma formidável quantia. E como essa quantia chegava para adquirir todo o papel da Santa Casa (e era esse o segredo da afirmativa real), D. Luís ordenou que lho reservassem. — Lamentamos não poder cumprir totalmente a vontade de V. M. — disseram-lhe —, porque um dos bilhetes, o n.º 1, fica sempre na Santa Casa». O monarca encolheu os ombros: que lhe importava a lacuna de um só bilhete, e logo um número que *era impossível* sair? Mas... a confiança de D. Luís era exagerada. Pela primeira vez (e última, visto que o milagre não se repetiu) a *taluda* saiu no n.º 1 — fazendo com que o rei perdesse a aposta... É longo o rodapé de episódios extrava-

gantes em redor da lotaria. Três (três, pelo menos) das fortunas de maior... *cartaz* (serve o termo?) de Portugal tiveram como base esse jogo e em circunstâncias anormais. Afirma-se que certo duo de ban-

queiros, heróis aliados da alta finança, semearam a sua riqueza quando eram ainda marçanos de um estanco. Saíra tempos antes a *grande* de Santo António ou do Natal — e o bilhete premiado fôra vendido a um anónimo que aparecera depois a anunciar que o perdera. Uma manhã, um dos marçanos, varrendo o soalho, encontra o bilhete. Oculta-o no bolso, deixa acercar-se o extremo do prazo — e vai pessoalmente rebatê-lo à Santa Casa... Outra grande fortuna de igual nascimento é a do



«...logo a seguir Belchior ganha o «Gordo» do Natal...»

famoso banqueiro e «trusteur» Z... Estrangeiro, viera para Portugal nas mais modestas condições. Foi recolhido por um generoso comerciante, em vésperas de ruína, que o protegeu até ao sacrifício. Um dia disse-lhe o protector: «Comprei um bilhete. Ignoro o número. É a minha última esperança de salvação». O futuro banqueiro, curioso, aproveita a sua ausência para bisbilhotar o número. Chega a manhã do sorteio — e a *grande* sai precisamente naquele número... O nosso homem não hesita: adquire por um preço rasteiro um bilhete qualquer; corre à gaveta do protector... e troca o bilhete premiado pelo seu... E, graças a essa escamoteação, trepoa às culminâncias da Economia Portuguesa...

Mas a mais pitoresca anedota verídica desta galeria é a que se relaciona com a *Sorte Grande* do Natal de 1903. Existia ainda há pouco no Porto, para as bandas do Barrêdo, uma loja rotulada pela gente do bairro com o apôdo de «*Taberna da Portas*». Era seu proprietário, naquele ano, um galego de nome Xisto Hernandez, um pobre homem que mal ganhava para o pão de uma ranchada de filhos, todos os anos aumentada. Um inesperado negócio permitiu-lhe que comprasse um bilhete para o Natal. Nas vésperas do sorteio, caiu à cama, com uma doença grave. Quando recuperou a saúde e a memória, quis saber em que número tocara a *taluda*. Não era o seu número — o número premiado —, ga-

rantiram-lhe; e o galego, afeito à sua má sina, não hesitou em convencer-se dessa negaça da Sorte — acabando por colar o bilhete a uma porta do casebre. — «Enquanto ele ali estiver ao alcance dos meus olhos — dizia —, não caio em queimar dinheiro noutro...». Um dia, certo cavalheiro, bem diferente do estilo habitual da sua clientela, que começara a frequentar-lhe a loja uma semana antes, propôs-lhe a compra daquela porta. Acheu tão disparatada a proposta que, apesar dos 50.000 réis oferecidos, e de não haver motivos para recusar, se negou a vender. Mas tanto insistiu o outro, elevando o preço, aos poucos, até 200 mil réis — que Xisto acabou por ceder. E 48 horas depois, esse cavalheiro entrava na Santa Casa de Lisboa, ajoujado com a porta, para rebater o bilhete premiado com a *Sorte Grande* no último Natal... Xisto, ao saber do lógro em que caíra, pouco tempo durou; em compensação, o comprador da



A sede em Londres do «Banco Hispano-Ingles de Mexico», de que Alfonso XIII é, ao que se diz, fundador.

porta é hoje... alguém na Rua dos Capelistas... Eis a história da «taluda» do Natal de 1903...

Uma notícia... incompleta

Não foi para desfiar o rosário anecdótico da lotaria que realizei a presente reportagem. Os episódios narrados são apenas o prólogo — um pouco exagerado, certamente — da revelação de uma das mais misteriosas personagens que têm desfilado por esta secção de «enigmas humanos»... No dia 22 do mês findo, os jornais de Lisboa noticiaram a passagem pelo nosso porto, a bordo dum transatlântico alemão, com rumo à América, de três indivíduos de destaque; o ex-ministro dos Estrangeiros uruguaio dr. Telmo Lacueva, o romancista argentino Hugo West e o financeiro francês Belchior Hubert. Ora, antes de prosseguir, permitam-me que rectifique alguns pontos inexactos da notícia: Belchior Hubert não é francês — mas sim belga; e não *passou com rumo à América* — mas, sim, desceu em Lisboa, onde se encontrava ainda na véspera de eu escrever este artigo — ou seja dia 31 de Maio — devendo partir depois para o Buçaco e daí para o Porto. É muito possível que esses pequenos erros (à parte a omissão do apelido, pelo qual ele é mais conhecido: *Calfas* — Hubert Calfas) fossem propositalmente provocados pelo interessado. Se os meus colegas tivessem lido um valioso artigo publicado, pouco depois da implantação da República, pelo *Dia Gráfico*, de Barcelona (30 de Abril), encimado pelo título de «La fortuna de Alfonso XIII y sus agentes internacionales» e assinado por «Castrovila»; se se tivessem, sobretudo, fixado numa «foto» que ilustrava esse artigo — teriam escutado com menos confiança o famoso financeiro. Ora sucedeu que eu lesse esse artigo; que recordasse outros factos não citados pelos articulistas; que conservasse na memória o retrato publicado, e que me cruzasse com o sr. Belchior Hubert Calfas — o que é a coincidência! — frente à Santa Casa. Não quero fantaziar, afirmando que o vi entrar ou sair da Misericórdia — o que seria caso para pôr de

(Cont. pag. 14)

O REI DE TODAS AS

LOTARIAS

O Conde de Romanones

HÁ homens que dir-se-ia que vivem sob um signo trágico, irradiando à sua volta a desolação e a ruína. O Conde de Romanones foi para a política espanhola um desses homens. Poucos como ele tiveram tantas vezes nas suas mãos o Poder, a supremacia do mando. Podia ter salvo um regime e conduzir um povo à prosperidade e à paz. Preferiu, impellido não sei por que estranha e misérfica força, enveredar por caminhos difíceis que o conduziram à suprema afronta na hora amarga da derrota: ser esbofetado pelas damas do paço.

Romanones foi o único político da Espanha que assistiu ao primeiro e ao último Conselho de Ministros presididos pelo rei.

No dia 17 de Maio de 1902, o jovem Afonso XIII, que contava pouco mais de 18 anos, prestou solene juramento perante a corte mais protocolar da Europa:

— Juro por Deus, pelos Santos Evangelhos, guardar a Constituição e as Leis. Se assim cumprir Deus me premiará; em caso contrário, castigar-me-á.

E Deus parece que o castigou agora...

*

Na mesma tarde do seu solene juramento quis o rei presidir ao seu primeiro Conselho de Ministros.

Desejo de monarca apressado em saborear os deleites do Poder? Caprichos de criança que tem prazer em vêr-se obedecido por velhos de cabelos brancos?

Logo houve protestos. Sagasta, o presidente do governo, fez objecções que de nada serviram. Como menino mal educado que não quer que o privem dos mimos, o rei protestou que havia de presidir, ali mesmo, ao primeiro Conselho. Foi-lhe feita a vontade.

Tomando assento à cabeceira da grande mesa, Afonso XIII começou por perguntar porque motivo estavam fechadas as escolas militares.

— Por medida de economia — respondeu o general Weyler, quasi agastado.

O rei exigiu mais amplas explicações, que lhe foram negadas pelo vencido de Cuba e da Catalunha. Azeda-se a discussão, mas Romanones interveio a favor do rei. E o velho general foi demitido.

Assim solucionado o primeiro incidente, logo outro surge. O monarca abre a Constituição e lê o artigo 54.º, comentando-o em seguida.

— Como vêem — diz —, a Constituição reserva-me o direito de conceder honras, títulos e grandezas. Advirto-os de que desejo, eu só, usar desse direito.

Escutando de má catadura as palavras do rei, o duque de Veragua tomou por sua vez a Constituição e leu o parágrafo 2.º do artigo 67.º, que diz:

«Nenhum mandato do rei deve ser cumprido se não fôr referendado por um ministro».

Afonso XIII não gostou daquela citação que lhe cerceava um poder que ele desejava absoluto. Trava-se outra discussão, e Romanones, sempre Romanones, volta a intervir em favor do rei.

O recalitrante foi demitido.



Conde de Romanones

*

Os tempos mudaram e com eles os costumes e as ideias políticas. Rolaram os anos, nasceu e morreu a Ditadura, realizaram-se as eleições, e a 14 de Abril último celebra-se o último Conselho de Ministros da monarquia espanhola. Com os ministros reuniram-se então alguns amigos do rei. O conde de Romanones, o vago ministro da Instrução de 17 de Maio de 1902, o conselheiro de vinte e nove anos, lá estava também. Mas o ambiente é bem oposto ao de 1902. Nem a força nem a audácia do rei se podem impor a uma nação inteira, como se impuseram ao primeiro Conselho de Ministros. Foi pedida a opinião de Romanones, alquebrado, vencido pelos dissabores e pelos anos. E o velho político aconselhou — a fuga.

Deu-se então um incidente triste que coroou, que rematou a vida política de Romanones: as damas do Paço, indignadas com a atitude débil de quem tinha obrigação, pelas suas responsabilidades, de ser forte, de tentar salvar a monarquia, esbofetaram-no.

Terrível será para Afonso XIII o tramo amargo do exílio, mas não menos terrível é o fim político de Romanones, cuja obra de trinta anos foi culminada pela mais formidável das derrotas.

COSTA JÚNIOR

CRIANÇAS DESARTICULADAS



LOGO em pequenos ouvimos dizer mal dos ciganos. Representam-nos à nossa imaginação infantil como bichos horrendos, almas maquiavélicas, que fazem pela calada da noite pactos com o Demónio. Acerca das suas façanhas tenebrosas contam-se mil histórias de estarrecer. As crianças olham-nos com expressão de terror quando os vêem passar com as suas jalecas curtas, calças justas à perna, chibatinha flexível na mão, cravo vermelho na boca. E por vezes esses ciganos mal afamados são tão bons como boas almas cristãs. Elas, as ciganas, muito morenas, olhos negros brilhando como carvões acesos, vestimentas coloridas de grande roda, leves e graciosas no marchar, se andassem misturadas com certas donzelas pretenciosas e cloróticas que nós conhecemos, eclipsá-las-iam com a sua formosura e talvez com a sua bondade.

No mundo dos ciganos, como em toda a parte, há bom e mau. Do bom não reza a história — porque a humanidade esquece facilmente o Bem para fixar voluptuosamente o Mal. E foi o Mal dos ciganos que nos escutámos uma vez a um cigano que, por misteriosa e sentimental razão, se deu — o que é raro na sua raça — a confidências.

Efectivamente há uma certa razão em se rezear pela existência das crianças à passagem de certas *troupes* de ciganos, os ciganos nómadas, sem eira nem beira, que percorrem países sem parar, como o judeu errante, dando espectáculos de saltimbancos, negociando em gado e lendo a «buena-dicha». O nosso confidente, que não é nómada, que vive honradamente dos seus negócios, numa casa limpa do Alto do Pina, refere-se aos ciganos errantes com certo desprezo.

Foi ele quem nos contou o que resumimos nestas linhas. Um dos números mais atraentes dos programas pitorescos dos circos ambulantes são as crianças. Os saltimbancos ciganos educam os filhos e os netos nas mesmas palhaçadas. Aquilo é uma profissão que vem da noite dos tempos através de gerações.

Sucede às vezes não haver nas *troupes* crianças bastantes para um número de sensação, ou porque os filhos dêles cresceram demasiado ou porque são ainda pequenos demais. É então que em aldeias próximas dos seus acampamentos faltam crianças aos habitantes. Eles roubam-nas e levam-nas para longe. Por vezes mutilam-nas, se elas não possuem resistência física para acrobacias, e empregam-nas na mendicância, sempre rendosa.

Essas crianças, por êles criadas desde tenra idade, transformam-se, pela educação que levam depois, em autênticas ciganas. Mas os adultos que conhecem a sua origem têm sempre por elas um grande

desprêzo, como se elas pertencessem a uma raça inferior.

Após o rapto, se elas são bastante resistentes, começam a treiná-las em exercícios acrobáticos. Fazem-nas passar verdadeiros tormentos, desengonçando-lhes as pernas,



Crianças educadas pelos ciganos para trabalhos de saltimbanco

os braços, os dedos, transformando as suas articulações numa espécie de elásticos maleáveis a todos os caprichos.

Os primeiros tempos desses treinos constituem qualquer coisa de infernal, de inquisitorial. Os pequenitos depois adaptam-se, crescem e acabam por se sentir felizes com a sua sorte, esquecidos já da sua primeira infância, que se perde na neblina dos anos que passam.

— Eu fui — dizia-nos o nosso confidente — um desses desgraçados que, aos três anos de idade, os ciganos levaram consigo. Não conservo de minha mãe senão uma vaga reminiscência. De que terra sou? Não me lembro. Nem sequer sei de que província vim. Possivelmente minha mãe, se ainda existe, chora-me ou reza pela minha alma, julgando-me morto. Pertencço ao número daquelas crianças desaparecidas que os jornais cotidianamente noticiam e que nunca mais se tornam a encontrar.

E ao dizer estas palavras, nos olhos do cigano — porque êle ficou cigano pelos hábitos e pela educação — brilhou, por instantes, uma lágrima que logo se sumiu, medrosa.

História de uma herança

Do sr. Francisco Maria Lopes recebemos uma carta acerca de um artigo intitulado *História de uma herança*, inserto no nosso jornal, carta essa a que não podemos, neste número, fazer a devida referência, mas que reservamos para o próximo sábado.

O CONTRABANDO DE ALCALOIDES

SE a maioria dos leitores soubesse as voltas que dá por esse mundo um pózinho mágico que na sua alvura imaculada concentra o gérmen dos mais belos paraísos artificiais e dos infernos ultra-dantescos que aprisionam a alma humana!

A cocaína, a morfina, a heroína, o ópio — todos os estupefacientes que, principalmente depois da guerra, se vulgarizaram de uma maneira espantosa por toda a Europa constituem o contrabando mais perigoso de todas as fronteiras, e por isso o mais apetecido e rendoso para os contrabandistas audaciosos.

As voltas que esses filtros maravilhosos dos sonhos deslumbradores dão por esse mundo! Alguns vêm de terras misteriosas do Oriente. Atravessam desertos em caravanas de camelos vagarosos e dóceis, penetram na Europa pela Turquia, pela Grécia, percorrem os Balkans buliçosos e concentram-se na Alemanha, que os reexporta secretamente. Há mil e um negociantes clandestinos que os transportam com as mais astuciosas cautelas, que os vendem a outros intermediários. Antes de serem consumidos pelo vicioso impaciente que os aguarda anelante, os estupefacientes levam uma existência movimentada, perigosa, arriscada de judeu errante. Uma gota de sonho, um pózinho deslumbrador que um sopro desfaz, custam tantos sacrifícios, tantas lutas, provocam tantos ódios, tantas cubiças, sacrificam tantas liberdades, abatem tantas vidas!

Por um trecho das curiosas memórias de um dos mais arrojados contrabandistas, agora aposentado, podem os leitores fazer uma pálida ideia dos inúmeros episódios secretos e aventuras extraordinárias que o comércio clandestino dos estupefacientes gera.

As memórias do contrabandista

«Nasci em Atenas e chamo-me Diamantopolos; fiz a minha educação na Alemanha, tendo seguido depois alguns cursos na Sorbonne. Falo na perfeição meia dúzia de línguas europeias e estou habituado a todos os sports.

Aos 25 anos, fiz parte dos serviços de espionagem numa grande potência militar; viajei pela Ásia e Américas em missão de reportagem por conta duma gigantesca empresa jornalística. Conheço a fundo as mais importantes capitais e os maiores portos de todo o mundo; para mim não têm segredo nem a psicologia dos príncipes nem a dos apaches. Tendo-me visto envolvido nas mais fantásticas aventuras, tendo inúmeras vezes brincado com a morte, possuo um absoluto domínio sobre o meu sistema nervoso e não recuo diante do perigo.

Em Maio de 1929, encontrava-me eu, provisoriamente sem colocação, em Constantinopla onde aguardava que o acaso me proporcionasse um negócio digno das minhas possibilidades.

Uma tarde, num dos cafés do bairro marítimo, fui procurado por um arménio, meu velho conhecido, que me apresentou um seu compatriota que dizia chamar-se Dr. Kalopoyan. Este senhor vinha propor-me um negócio interessante, perigoso e exigindo um homem de toda a confiança. As condições oferecidas eram verdadeira-

mente tentadoras e, depois de me fazer algo rogado, aceitei-as. Devo confessar, todavia, que, mais do que a visão dos lucros, me seduzia o género da empresa aventureira e cheia de perigos que me ofereciam: dirigir uma das secções duma grande associação secreta e internacional de contrabando de «paraísos artificiais».

Fechado o acôrdo, recebi do Dr. Kalopoyan uma carta de elevado crédito bancário, um falso passaporte, um código cifrado e as instruções sobre o serviço que se exigia da minha longa experiência.

A primeira missão de que me encarregaram foi a de organizar, transportar e levar a bom caminho uma encomenda dalgumas centenas de quilos de ópio, no valor de muitos milhares de dólares, procedente dum porto do Mar Negro e destinada a vários portos do Mediterrâneo e Atlântico. Esta missão foi-me bastante fácil, pois que, por intermédio de velhos conhecimentos, consegui obter que as minhas malas, que continham o ópio, fossem munidas do salvo-conduto como bagagem diplomática. Todavia, quando já tinha entregue quasi todas as encomendas aos principais clientes, encontrando-me num porto do Mar do Nor-



te, onde negociava a última parte da mercadoria, fui prevenido de que um comerciante judeu me denunciara à policia, e consegui escapar-me pela rapidez com que fiz desaparecer o resto da droga e com que passei a fronteira em automóvel, servindo-me do meu verdadeiro passaporte. Esta missão de ensaio deixou algumas centenas de milhar de francos à minha sociedade.

(Continua na pág. 13)

AVENTURAS de um gatuño português no estrang- geiro



A reportagem que publicámos há pouco tempo sobre a emigração para o estrangeiro dos nossos carteiristas produziu certa sensação, não só entre os nossos leitores honrados como... nos outros — e que nos perdoem os primeiros serem citados juntamente com os segundos, e estes a diferença de categoria que lhes damos. Entre a correspondência com que os correios vêm diariamente ajouçados à nossa redacção — separamos, por instinto de antigos colecionadores, as cartas onde brilham selos estrangeiros. Entre as de hoje uma houve que nos chamou particularmente a atenção por dois motivos: o de vir de uma capital onde não temos relações — Varsóvia — e da forma com que o endereço estava redigido: «*Ilustricimo Senhor Redactor do Reporter X Roscio 3-3. Lesbona*». Que fôra um português quem o rabiscara (e com que letra!) não havia dúvida. Existem erros ortográficos que só um compatriota nosso os pode cometer. Mas o que nos surpreendia era a existência de um português — e daquele género (pelo e do ilustríssimo se via o gigante...) em Varsóvia. Abrimos, lemos, pasmámos e reproduzimos — modificando, já se vê, a ortografia e a sintaxe:

«Sr. Redactor: No dia em que parti de Londres para estas rússias, entrei numa casa que vende jornais e que ficava em frente ao meu hotel — em New-Old Street. Quando viajo, gosto de levar comigo revistas com bonecos, porque, mesmo que eu não as entenda, servem-me... ajudam-me em qualquer negócio que me apareça pelo caminho. Qual não foi a minha alegria ao dar com um jornal português — o *Reporter X* — que também lá se vende... Com-

prei-o e li com grande interesse o seu artigo sobre... os carteiristas que vêm trabalhar para o estrangeiro — e já vai saber porquê. Eu conto... Chamo-me José Roque e porque, quando era garoto, fui campeão do eixo, fiquei com a alcunha de «Eixão». Nasci no Porto, nas Fontinhas, e comecei a vida, aos 12 anos, como barbeiro... Não há nada pior do que uma vocação contrariada: todo o meu palpite era ser sapateiro... Não me deixaram e eu depressa aborreci o trabalho... que é bom para os pretos... Depois vieram o que se chama *más companhias* — que me ensinaram outros ofícios. Aos dezoito anos era considerado um mestre na arte das carteiras... Preso no Porto, condenado a um ano de Aljube, tornei-me demasiado conhecido da Polícia — pergunte ao agente Sousa e ao Melo, quem é o *Roque «Eixão»* — e resolvi vir para a capital.

Enquanto a gente não tem o retrato no Governo Civil tudo são bons negócios... Só num mês «sorvi» trinta e tal carteiras, ganhando ao todo três mil escudos... Um rei pequeno! Mas não há bem que sempre dure! Logo no segundo mês deitaram-me a unha porque um «ginja» sentiu uma maná-pola a fazer-lhe cócegas no bandulho. Soltaram-me por falta de provas — mas já estava debaixo de olho... Pensei em mudar de género... As visitas às lojas também rendem alguma coisa — e são menos perigosas. O caso é uma pessoa ter apresentação — a mim, graças a Deus, não me falta figura e elegância. Entra-se, pede-se para ver qualquer artigo, acaba-se por comprar qualquer coisa — mas entretanto já se enchem os bolsos. Lá ia defendendo a vidinha — quando o sr. Ferreira do Amaral começou a caça aos fichados, e eu vi-me em riscos de ir para as Costas de Africa. Uma noite, lembro-me bem, fechei-me em casa e pus-me a ver uma coleção de postais de Paris que tinha pregada na parede. Não sei porquê — senti uma tentação. Toda a gente diz que nós, os portugueses, fazemos boa figura lá fóra; que os estrangeiros não sabem trabalhar, seja em que ofício fôr, como nós portugueses. Deitei contas à vida. Com uns patacos que tinha guardados e umas coisas que podia vender ao Tomé e ao Carriço, reunia uns três continhos. Era preciso, logo que chegasse a uma terra, começar a trabalhar para que o pecúlio não se esgotasse antes de novas receitas... E aqui tem o senhor como eu emigréi.

MAIS



Pelos boulevards, procurando «trabalhinhos»...

As aventuras do «Roque Eixão» em Paris, Londres e Berlim

Quem me arranjou o passaporte foi o Tomé. Mudei de nome e de profissão. O nome — peço desculpa de não o dizer; o ofício... é caixeiro viajante. Para isso arranji um caixote de garrafas de vinho do Porto e outro de latas de conserva. São as amostras — para os ingleses (ou franceses) verem...

O primeiro hotel onde me hospedei em Paris foi o de «Belleville» — na Rue Seribe; e antes de fazer uma hora de lá estar — já fizera a primeira experiência. Cheguei com as malas no momento em que saía um hóspede que, segundo parece, ia para Espanha. Estava ao pé do balcão um velho com cachuchos nos dedos, a escrever um telegrama. Veio-me a tentação... Pensar e executar foi obra de um minuto. Enquanto o diabo esfrega um olho — já a carteira estava em meu poder. Depois, muito à vontade, fui dar o nome ao porteiro. Neste mo-



Gente confiada, com as jóias em exposição, sem empregados a guardá-las...

mento, o «ginja» começa a berrar — porque lhe faltava a carteira. E todos, à uma, suspiraram do tal hóspede que partira. Ele estivera mais próximo do roubado do que

(Continua na pág. 14)

eu! Os creados correm para a rua e mandam-no prender. Se querem vêr a fúria com que o preso voltou ao hotel. Pudera! Fizeram-lhe perder o comboio. Mas quando os polícias franceses lhe pediram a cédula pessoal — ficaram com cara de parvos! O cavalheiro era polícia secreta espanhol!

Pouco tenho trabalhado em carteiros, cá no estrangeiro... Vario o mais possível de género — que é para não deixar rastro. Por exemplo: uma especialidade que não existe cá fóra e que, por isso, dá óptimo resultado: o *sacão à algarvio*. Passar próximo de uma senhora, num local cheio de gente, cortar-lhe a correia do saco de mão, metê-lo no bolso do sobretudo e desandar — é o que se chama o *sacão à algarvio* — porque foi o *Algarvio* quem o ensinou aos colegas lisboetas. Pois bem. Só numa noite, nos *boulevards*, reüni vinte e cinco sacos de senhora. Como o hotel ficava próximo do *boulevard* — volta e meia ia ao meu quarto despejar os bolsos. Cheguei a ter uma colecção variada e numerosa. Ora um belo dia recebi uma visita suspeita. Uma senhora que, sabendo que eu era caixeiro-viajante, se oferecia para me ajudar. Pensando que era da Polícia — não me fiz rogado. Expliquei-lhe que negociava só em «Porto» e «Conservas» — e mesmo como estava abri o caixote onde guardava os sacos de senhora. — «Também vende destes sacos?» — perguntou. — «Também» — respondi bastante atrapalhado. — «Mas... tem graça — notou ela —, nenhum tem correia». — «Não... — gaguejei eu. — É a grande moda em Espanha... sacos sem correia nem fita». Ofereci-lhe um; e passados dias, com surpresa minha, tornei a vê-la na Rue Royal com o saco que eu lhe oferecera... Fui eu quem lançou essa moda em Paris.

Apresentei-me em Berlim mais «chic» do que entrara em Paris — graças aos lucros, que tinham sido rendosos. Contudo, desde a primeira hora, senti-me cercado por tal desconfiança que não ousei durante uma semana um só golpe. Lojistas, transeuntes, vizinhos de hotel e de café — afastavam-se, olhavam-me com evidente suspeita. Porquê? — perguntava a mim próprio, sem compreender a causa. Mas como não sou tolo — depressa compreendi. É que todos os gatunos alemães vestem com «chic», com uma elegância pouco alemã, com uma elegância parecida à minha... Adaptei-me, mudei de hotel; comprei num adelo um fato pindérico, um chapéu de côco afadistado, um *cache-nez* para substituir o colarinho — e foi um sucesso. Deixei a trabalhar à vontade, sem que ninguém suspeitasse de mim. Ladrões pobres, ladrões homens do povo, ladrões tipo de operários — não existem na Alemanha. Cada terra...

Demoro-me pouco em cada terra, para não dar tempo a que me conheçam. Em Londres, ao contrário do que se diz, não é preciso roubar — para se ganhar a vida como... *gatuno*. Nunca vi gente tão confiada! Calculem que eles têm todos os artigos cá fóra, em exposição — e sem empregados a guardá-los. Houve dias de reunir um lucro de 50 a 100 libras em... matéria negociável. Cheguei a vender à mesma loja os objectos roubados cá fóra! Começava logo de manhã, mal saía do hotel... Ia à tabacaria e fornecia-me de cigarros e fósforos; mais adiante — tirava um ou dois jornais (não sei ler inglês, mas sendo de graça, vale a pena adquiri-los todos os dias)... e até bilhetes de teatro tinha à borla...

.....
Não chegava o seu jornal para contar-lhe

TELEFONISTAS O CONTRABANDO DE ALCALOIDES DA MORTE

(Continuação da pág. 11)

(Continuação da pág. 4)

Telefonistas da Morte» é português e chama-se Oscar Costa.

Os jornais americanos, de onde respigámos este artigo, ilucidam-nos convenientemente com grande abundância de pormenores, sobre a personalidade do famigerado bandido.

O *New-York Crónica*, de 12 de Abril do corrente ano, por exemplo, diz:

«...Natural de Lisboa, onde cursou o Instituto Superior Técnico, Oscar Costa contava dezanove anos quando praticou a sua primeira façanha naquela cidade, envolvendo-se numa importante burla técnica, de que foi vítima a Sociedade de Electricidade Lisbonense. Depois, perseguido pela policia, conseguiu fugir, aparecendo-nos agora, aqui em Nova York, transformado em engenheiro-electricista, para o que aliás apresenta um atestado comprovatório em regra.

Na capital dos Estados Unidos dedicou-se então com uma vasta amplitude a uma vida aventureira de autêntico bandido, relacionando-se com os piores criminosos da América.

Interrogado pelo nosso reporter no calabouço do 25.º posto policial, onde se encontra, declarou pertencer a uma das mais conhecidas famílias de Lisboa, confessando todos os crimes de que é acusado. Os seus cúmplices são-lhe de uma grande dedicação pelo extraordinário poder de sedução de que dispõe, e que o torna simpático para todas as pessoas que dêle se aproximam.

Aguardam, todos, julgamento.»

Verdade? Mentira? Não o sabemos! Duma só coisa temos quasi a certeza: de que o bandido Oscar Costa vai responder brevemente pelos seus crimes, sendo, certamente, condenado a pena máxima: — a morte por electrocuição...

E. GOMES

O triunfo do amor

todas as minhas aventuras. Isto, sim, é que são terras para quem quer trabalhar! Agora estou na Polónia. Vamos a vêr o que arranjo... Basta dizer-lhe que já juntei alguns continhos. Quando estiver de pachorra — tornarei a escrever-lhe. — Seu creado, etc.

Roque «Eixão»

N. da R. — Era bom que todos seguissem o exemplo do «Eixão». Era a maneira de nos vermos livres de todos os «eixões»...

LEIAM A
NOVELA POLICIAL

Em Londres, recebi ordem, por telegrama cifrado, de voltar ao mesmo porto do Mar Negro onde recebera a primeira remessa, e acompanhar desde ali um importante carregamento, com destino a um porto asiático do Extremo Oriente. O carregamento elevava-se a muitos milhares de libras e tornava-se difícil o seu transporte dada a extrema vigilância de que eram alvo certos navios mercantes que viajavam pelo Canal de Suez. Tive a feliz ideia de esconder o ópio em pequenos barris herméticos e soldados dentro de tambores de óleo mineral. No porto de desembarque obtive que os tambores de óleo saíssem dos armazens da alfândega sem serem rigorosamente examinados, pois que para tal benevolência muito concorreu um alto funcionário da alfândega, opiomano inveterado, ainda que europeu, a quem seduzi com a oferta dum barril da droga.

De volta à Europa, fui encarregado de levar desde o mesmo porto de partida, através a Arménia e o Kurdistan, uma remessa, bastante importante também, para fornecer determinados clientes de alto coturno nos mercados da Pérsia e Afeganistão. Disfarçado de montanhês kurdo, consegui despistar todas as suspeitas, levando a mercadoria ao seu destino, tendo apenas tido uma pequena escaramuça entre a minha caravana e uma patrulha de soldados que desapareceu no fundo dum rio...

Tendo feito estas primeiras e felizes provas que me grangearam a máxima confiança da parte dos meus misteriosos patrões, os quais nunca cheguei a vêr, à excepção do Dr. Kalopoyan, que julgo fosse um simples empregado, fui então encarregado de abastecer os grandes clientes europeus, os *clubs* secretos das grandes capitais, levando-lhes as grandes quantidades de morfina e cocaína que eles mensalmente consomem. O perigo aumentou então, e fui obrigado a inventar mil estratégias para realizar os meus negócios sem que a Polícia neles se imiscuisse. Durante meses fingi de proprietário dum magnífico «yacht» cujos porões estavam sempre repletos da preciosa carga que distintíssimos «gentlemen» e elegantíssimas damas vinham buscar a bordo e levavam para terra nos bolsos, nas malinhas, nos aparelhos fotográficos, nos chapéus e até dentro de violinos e violoncellos. Várias vezes me servi de aviões para transportar a minha mercadoria a certas capitais europeias.

Mas no aventureiro caminho da minha vida, surgiu, um belo dia, um novo bem que as minhas múltiplas ocupações até então não me tinham deixado vêr.

A quimera do ouro, atrás da qual tantos anos corri, pelo destino foi substituída por uma linda loira, a qual é hoje minha mulher. O amor dela e as suas lágrimas desviaram-me da senda perigosa, encaminhando-me para o lar, calmo e ditoso, bem que monotono.

Confesso que, por vezes, na minha acalmia de burguês satisfeito, surge a visão da encantadora caravana dos perigos atrelando-me, mas o sorriso de meu filho, criança de poucos meses, chama-me à realidade e sinto, cada dia mais, que os seus pequenos olhos valem mais do que todo o encanto das aventuras e todo o ouro do mundo».

M. G.

sobreaviso os seus directores. Nem creio que ele... regresso aos *inícios* da sua vida... Pretendo apenas estabelecer um ponto de partida e explicar-vos como soube da sua permanência em Lisboa, Cruzei-me e segui-o até ao hotel. E depois perguntei a mim próprio: «Que plano estará em gestação naquele complexo espírito? O que levaria o «Rey del Gordo» a desembarcar em Portugal — fazendo constar que seguia viagem para a Argentina?»

As finanças reais

Transcrevo apenas os pontos que interessam a este assunto, do citado artigo do *Dia Gráfico*:

«A fortuna de Afonso XIII não é apenas o produto da sua herança dilatada por uma administração hábil e severa! Afonso XIII multiplicou os bens herdados um sem número de vezes, sendo hoje o monarca mais rico da Europa e só comparado a certos rajás da Índia que se divertem a lançar pérolas aos poços — mas com a diferença que o último rei da Espanha não só não cometeu nunca desses vandálicos esbanjamentos como, pelo contrário, viveu sempre sob a obsecração do dinheiro. Melhor do que soberano — ele foi um ganancioso. Mais do que timoneiro político — ele foi um financeiro judeu. A maior parte da sua actividade foi gasta em negócios particulares. Antes de reflectir sobre os decretos dos seus ministros — ele estudava as cotações das Bolsas. A Agência Havas era obrigada a fornecer-lhe um serviço de informação financeira como nenhum banqueiro espanhol lhe exigia. Daí a hipertrofia da sua fortuna — que é muito superior à mais exagerada das hipóteses, visto que ele teve sempre a prudência de *camouflar* a maioria dos seus bens.



O Comissário Luna, encarregado do misterioso caso das lotarias, em 1912

«Muito novo ainda — iniciou Afonso XIII a sua obra financeira: Tinha apenas 20 anos quando empreendeu o primeiro golpe, comprando, indirectamente, todo o papel de um *trust* mineiro das Vascongadas. Mas a faceta mais notável de Afonso XIII homem de negócios é o facto de ele se ter metido em tantas empresas sem nunca sofrer um prejuízo. Qual o segredo desse feitico? É um segundo ovo de Colombo! O ex-soberano não arriscava nunca uma peseta da sua fortuna pessoal. Por muito surpreendente que isso pareça, e ao contrário do que se diz — os seus financeiros não eram intermediários mas sim capitalistas dos seus negócios; ele é que era o intermediário. Nesse caso — pergunta-se — como se compreende que esses financeiros colaborassem com ele? Qual a vantagem que os levava a dividir com o monarca a parte leonina dos lucros? Em todos ou quasi todos os negócios o êxito era artificialmente maquinado — e assegurado — pelo rei!

«Outro detalhe curioso: No elenco dos financeiros íntimos de Afonso XIII, dos que eram, de facto, seus sócios, seus capitalistas — não existe nenhum espanhol. Mais ainda: com excepção de quatro (e eram, ao todo, nove), todos eles pertenciam a

O rei de todas as lotarias

(Continuação da página 9)

essa fauna internacional, vagamente judaica, mas que a própria finança hebraica considera como escória de aventureiros. Citaremos James Kyle, como símbolo dos bem afamados e que foi, de todos, aquele que menos trabalhou com Afonso XIII. Que se saiba, desde a fundação do Banco Hispano-Ingles do México — em 1926 — não tornaram a transaccionar. Da outra fauna, basta evocar três: Treville (*), pseudo-belga, que incendiou violentas campanhas na imprensa, contra as suas proezas, que foi acusado de espia durante a guerra, que está no «Livro Negro» inglês e que, ao que parece, cumpriu uma pena de degrêdo na sua juventude; Mosseli — aventureiro que fez a sua fortuna na guerra dos Balkans impingendo gato por lebre aos exércitos aliados, e que esteve condenado à morte na Bélgica, sua terra natal (actualmente é cidadão italiano, pátria da mãe); e Belchior Hubert Calfas, belga que (misterioso pormenor) fuge da Bélgica como o Diabo da Cruz e que já teve, há anos, a sua auréola de popularidade em Espanha, onde conquistou o *sobriquet* de «El-Rey del Gordo» — apódo esse que se tornou suspeito à Polícia, mas que a Polícia não chegou a esclarecer porque o cavalheiro se ausentou rapidamente e por muito tempo e ainda porque gozava de grandes influências. A indiscutível inteligência de Afonso XIII indicava-lhe como melhores sócios... secretos (não tão secretos que os seus nomes — os deles e o... do ex-soberano — não andassem juntos nos relatórios das empresas) estas águias internacionais. E o certo é que, graças a eles e em tantas dezenas de negócios que engrossaram a fortuna do ex-rei — metropolitanos, companhias de caminhos de ferro, minas, empresas de turismo e de jogo, como Dauville, que ele lançou em moda... por própria conveniência, e até hotéis (Afonso XIII é co-proprietário de 35 «palaces», de Madrid, Sevilha, Paris, Nice, Biarritz, Dauville, etc.) —, só obteve êxitos retumbantes. Não nos é possível determinar quais as empresas, entre todas essas, que pertencem à iniciativa dos sócios lamentáveis e às dos... «outros». Mas o facto assente é que Afonso XIII colaborou com todos eles...

«As suas conferências eram quasi sempre realizadas durante as viagens a França e Inglaterra — e assim se explica que o nosso ex-soberano fôsse o rei que mais viajara; mas muitas vezes eles vinham a Madrid, eram recebidos no Palácio e os seus confidáveis, sobrepondo-se a todas as visitas, conferências e audiências, prolongavam-se, às vezes, até altas horas da madrugada».

O mistério das lotarias

Reproduzi os pontos principais do artigo de Castrovilla — e por ele se pode fazer uma ideia sobre o nosso actual hóspede, sr. Belchior Calfas. Se não fôra a citação do seu apódo — «Rey del Gordo» — não me teria recordado o que dele ouvi e o que se conta em Espanha a propósito da sua imensa fortuna, Belchior, que deve orçar pelos seus 45 anos, veio a Madrid pela primeira vez em 1908 — deixando então su-

jas pégadas, cheques a descoberto, contas de hotel por pagar, etc.. Na segunda, dois anos depois, apresentou-se a vários banqueiros com projectos pirotécnicos de exploração de umas minas — as eternas minas... — que, jurava ele, existiam em Marrocos, de onde acabava de chegar. Não encontrando o capital que solicitava, depressa perdeu o verniz com que se engraxara — vagueando pela cidade e sendo visto em companhias suspeitas. Parecia resvalar de novo nas tristes faças de 1908 — quando se deu uma brusca metamorfose. Um bilhete de lotaria que ele comprara, saíra premiado com uma importância relativamente quantiosa. Dois ou três sorteios depois favoreceu-o de novo a sorte — e desta vez com um prémio maior... Durante o ano de 1910 a 1911 cinco vezes ele acertou em prémios valiosos. Em 1912 apanhou o prémio «Gordo»; e, com pasmo de toda a Espanha, esse prodígio repetiu-se na maior de todas as lotarias: na do Natal. Apesar dos gastos de esbanjador que ele fazia — a sua fortuna alcançava uma cifra invulgar. Mas, ao mesmo tempo que ele se viu cercado de inesperados amigos, que, atraídos pela sua riqueza, lhe propunham os mais variados planos financeiros, outros cochichavam à volta alarmantes segredos. O que principalmente o comprometia — era a descoberta que alguém fizera sobre as suas relações com um funcionário das lotarias e as entrevistas que este e ele tinham, a miúdo e sob grandes disfarces, com um moço, encarregado da limpeza da sala do sorteio. O mais célebre dos *reporters* espanhóis — «Duen-de de la Colegiata» — tratou o assunto no *Heraldo de Madrid*. A direcção das lotarias abriu, no maior sigilo, um inquérito. Da Polícia — o conhecido comissário Luna foi chamado a prestar serviços. Fêz-se um minucioso exame ao material do sorteio, durante algumas madrugadas — e foi esse facto que alertou aquele reporter. Embora nunca transpirasse uma revelação clara do que se passava — ou suspeitava — o *Heraldo* afirmou que Luna descobrira uma misteriosa instalação de fios eléctricos oculta na sala dos sorteios. O que se sabe é que um belo dia Belchior abandona o seu palacete da Calle de Argonzola — e parte sem se despedir dos amigos mais íntimos. Constatou que o tal funcionário e o moço haviam sido presos. É falso. A direcção da lotaria negou que se tivesse passado fôsse o que fôsse e que aqueles dois empregados tinham sido apenas despedidos por motivos de serviço... Nisto veio a guerra — e tudo se esqueceu. Silenciados os canhões, surge de novo o nome de Belchior Hubert Calfas, «El Rey del Gordo», como «az» da finança, senhor de mil empresas...

E eis a razão porque o *Reporter X* rectificou a notícia dos jornais diários e porque dedica esta reportagem à estadia em Portugal de tão famoso financeiro...

James Kyle, o mais considerado financeiro de Afonso XIII

James Kyle, o mais considerado financeiro de Afonso XIII

REPORTER X

(* Julgo que o nome está errado mas não me recordo agora da sua verdadeira ortografia.

Há antropófagos em

a desapareição da Rosa, fazia-se, a poucos passos daqui, num recanto solitário, um achado macabro. Era a cabeça, só a cabeça decepada da pobre desaparecida. Calcule o pavor, a sensação que neste meio pacato e tranqüilo tal achado provocou. Ora, nas mesmas condições, durante estes vinte anos, se praticaram aqui vários crimes desta natureza. As cabeças decepadas das vítimas vêm a ser encontradas, mais tarde ou mais cedo, aí pelos campos. Entre as vítimas contam-se duas crianças e duas velhas.

— Nunca se descobriu um indício, sequer? — inquiri, intrigado.

— Nem um indício...

— Nem uma suspeita, ao menos?

— Nem ao menos uma suspeita.

No dia seguinte, de manhã, antes de iniciarmos a viagem de regresso, demos, acompanhados pelo cabo João, uma volta pela aldeia, Lembra uma povoação de pescadores. Tectos cobertos de colmo, pavimentos de tejos, muito limpos, paredes caiadas ornamentadas com pratos de pinturas berrantes. Mas o interior daqueles pequenos lares respirava um asseio que causaria inveja à maioria das casas da capital. As desconfianças da véspera já haviam passado. As velhas falavam-nos com simpatia, as moças com adorável timidez. Os homens, na sua maioria, andavam longe, nos trabalhos do campo. Só os mais velhos ficavam. A uma porta, um velhote, de cabelo alvo e pele queimada, aquecia-se ao sol.

— Este é o tal de que lhe falei ontem — elucidou-me o cabo.

— O tal estrangeiro? — perguntei.

Sem me responder, o cabo dirigia a palavra ao ancião, que lhe sorria docemente.

— Ouça lá, de que terra é você?

— Eu sou de muito longe... Já nem sei bem de onde...

— É das Áfricas?

— Ainda mais longe. Sou de uma terra chamada Austrália.

Ao escutar aquela resposta, tive um baque no coração. A Austrália é uma terra onde até há pouco havia antropófagos. E o velho continuava, num tom de voz doce, meigo, simpático:

— Mas o meu pai era português. Trouxe-me pequenino para Lisboa. Minha mãe é que era lá dessa terra...

Portugal?

(Continuação da página 7)

Horas depois, a diligência detinha-se uns momentos no Ladoeiro. Correnos a procurar o barbeiro. Tinha partido para Castelo Branco. Um grande desapontamento invadira-nos a alma.

— Então você não quer comer a lebre? — perguntou-me o Vilhena, surpreendido da minha falta de apetite.

— Que façam um farnel com ela. Quero chegar quanto antes a Castelo Branco.

A diligência deixou-nos, mais moidos do que uma salada, em Castelo Branco, seriam dez horas da noite. Tinha à minha frente cerca de uma hora para jantar, procurar o barbeiro por todos os cafés e tascos e embarcar para Lisboa. Castelo Branco percorre-se depressa. Não houve porta onde não metesse o nariz, nem «tasco» onde não espreitasse. Do senhor Afonso nem sombrou...

Resignei-me a vir para Lisboa sem lhe falar. Quando me atirei para cima do banco do comboio, cansado, despeitado, febril, a pergunta que se formara no meu espírito, quando na aldeia longínqua escutara o simpático velho, martelava-me no espírito: «Haverá antropófagos em Portugal?»

Depois mergulhei em sono profundo e só tornei a mim em frente de Campolide.

O homem que devorava pessoas

— Sim, meu amigo, há antropófagos em Portugal.

Esta afirmação categórica deixou-me assombrado. E para me assombrar mais ainda, para me provocar um arrepijo na espinha, para me evocar as cenas canibalescas que eu não conhecia senão da descrição dos romances — tribus selvagens assando tranqüilamente num espêto cadáveres de pessoas, retalhos de crianças, coxas de mulheres — o meu interlocutor acrescentou, muito sério:

— E o senhor já esteve na terra portuguesa onde se devoraram pessoas, já dormiu, já pernitoit no mesmo local, já falou com um antropófago.

Este diálogo travou-se, há poucos dias, em pleno Rossio. E o meu interlocutor era

um indivíduo que eu não via há uns sete anos e que mal reconhecera. Era o sr. Afonso, o barbeiro que, pela primeira vez, me despertara a atenção para a antropofagia em Portugal.

O barbeiro viera a Lisboa, e o acaso fizera com que me encontrasse no preciso momento em que se dirigia à estação, para regressar à sua terra, na Beira Baixa. Olho no relógio, não fosse o comboio escapar-se, o Afonso explicou-me:

— Lembra-se de ter falado a um velho estrangeiro, que era tido por muito boa pessoa na aldeia? Pois o antropófago era ele. Filho de mãe australiana, a ancestralidade actuou nele, apesar de o pai o ter trazido muito novo para o nosso país. Era, de facto, um excelente tipo: trabalhador, afável, amigo de ajudar o próximo. Mas quando nele despertava a sede de sangue humano, não podia passar sem a satisfazer. Explica-se assim a série de misteriosos crimes ocorridos na aldeia pacífica.

O Afonso consultava o relógio e já nos estendia a mão, numa despedida apressada. A nossa curiosidade, porém, ainda não estava saciada.

— E como soube você tudo isso? — perguntei-lhe, apressado, ofegante.

— Pela filha adoptiva, a orfã sua vítima, que ele caridosamente recolhera depois de lhe devorar a mãe. A rapariga assistiu a uma das últimas façanhas canibalescas do velho. Ele ameaçou-a de morte se ela revelasse alguma coisa. Viveu uns anos sob o terror; até que um dia, a bem, retirou-se da aldeia e veio trabalhar para o Ladoeiro, onde a conheci. A moçoila era gentil... e, compreende, não sei se lhe conte... Foi minha amante. A mim me revelara ela o seu segredo quando o senhor me encontrou. Foi então que eu lhe perguntei — lembra-se? — se acreditava na existência de antropófagos em Portugal. Passados dias fui pessoalmente à aldeia. Tinha curiosidade de conhecê-lo. Encontrei-o no calxão e a aldeia inteira chorando a sua morte. O velho morrera na véspera. Calei o meu segredo. Deixei que aquela gente adorasse a memória do bondoso velho que a devorava com canibalesco furor... A vida tem destas ironias...

E o Afonso, voltando a consultar o relógio, abalou a correr, com medo de perder o comboio.

REPORTER MARIO

Quereis dinheiro?

Jogai no

GAMA

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Récita de Fado

Os amadores da doce canção lisboeta vão ter ocasião de apreciar as mais belas vozes e os melhores tocadores de Lisboa, na grandiosa festa de fados que, em homenagem de Manuel Calado, se realiza no domingo, 14, pelas 15 horas, no Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães Lima.

O programa, que é escolhido e atraente, vai certamente agradar à legião de apaixonados do Fado que encherá as salas daquele Centro, no Largo do Salvador (às Escolas Gerais).

COISAS QUE TODOS DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, falanças artísticas e mobiliário género antigo

Rua Ivens, 30 a 34
Telefone 2 6064

O MAIOR SUCESSO
DE MIL E NOVECEN-
TOS E TRINTA E UM

NOVELA POLICIAL

LEITURA EMOCIONANTE

ASSUNTOS PALPITANTES

DIRECTOR

REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)



QUINTA-FEIRA, 11 DE JUNHO

NOVELA POLICIAL

NÚMERO DEZANOVE

O HOMEM

QUE EMBALSAMOU LENINE

ORIGINAL INÉDITO DE

REPORTER X



16 PÁGINAS, UMA NOVELA

COMPLETA, CAPA A CORES

U M E S C U D O

DIRIJAM JÁ OS SEUS PEDIDOS DE REVENDA
E ASSINATURAS PARA A ADMINISTRAÇÃO DO
REPORTER X E NOVELA POLICIAL

ROSSIO, 3, 3.º — LISBOA — TELEFONE 2 5442

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: REPORTERX